

Paulo de Araújo. 19.05.98

DF - Educação



Adultos assistem aulas numa escola de assentamento de sem-terra em Formosa: falta de sensibilidade social pode fazer com que 56 mil deles percam essa rara chance

Sem dinheiro para alfabetizar

Programa para erradicar analfabetismo nos assentamentos de sem-terra leva quase nada no orçamento 2000

Liandra Paraguassú
Da equipe do **Correio**

O discurso social do governo Fernando Henrique Cardoso de vez em quando esbarra na própria equipe. Uma das recentes vítimas dessa falta de entendimento entre quem tenta manter os tais projetos do governo dito social-democrata e os homens que controlam o dinheiro é o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera). O projeto entrou na Secretaria de Orçamento do Ministério do Orçamento e Gestão com previsão de orçamento de R\$ 22,5 milhões e saiu sem um centavo. Ganhou R\$ 2 milhões com uma emenda feita na Comissão de Agricultura da Câmara. Agora, o Ministério do Desenvolvimento Agrário conta com a ajuda da oposição para tentar reaver os recursos e não ser obrigado a suspender o Pronera.

“Se for para receber R\$ 2 milhões é melhor suspender logo o programa. Nós precisamos de, no mínimo, R\$ 20 milhões”, diz João

Cláudio Todorov, coordenador do Pronera e ex-reitor da Universidade de Brasília. Planejado para erradicar o analfabetismo nos assentamentos e, conseqüentemente, ajudar a reforma agrária a dar certo, o programa parece não ter sido considerado tão social assim pela equipe econômica.

A matemática é simples: o programa precisaria de R\$ 12 milhões este ano apenas para pagar os convênios assinados no ano passado, previstos para começar, já nas salas de aulas, em janeiro e fevereiro. Os outros R\$ 8 milhões seriam para novos convênios, que garantiriam a ampliação do Pronera este ano. Com os R\$ 2 milhões, até mesmo as aulas que estão sendo dadas teriam que ser suspensas, porque não haveria dinheiro para pagar os monitores e nem o material didático.

O sumiço dos recursos para o Pronera na Secretaria de Orçamento é considerado um mistério por Todorov. Principalmente porque o programa está no Plano Plurianual (PPA) do governo — aquele planejamento que esta-

belece os investimentos prioritários até o fim do mandato de Fernando Henrique. “Só que eles prevêem recursos a partir de 2001. E o que eu faço este ano? Fecho o programa?”, pergunta.

A esperança do Pronera está, por mais estranho que pareça, nas mãos dos deputados da oposição na Câmara. “Estou conversando com deputados da oposição para ver o que é possível fazer ainda”, conta Todorov. Uma emenda da Comissão de Agricultura, apresentada pelo PT, prevê mais R\$ 20 milhões para o Pronera e está para ser analisada em plenário na próxima semana. “Não podemos dizer se vamos conseguir aprová-la ou não. Apesar dos recursos serem pequenos, dinheiro para saúde e educação nem sempre é fácil de garantir”, diz o deputado Pedro Wilson (PT-GO).

Nos assentamentos, a simples possibilidade do Pronera ser suspenso assusta. “É uma falta de sensibilidade desse governo”, reclama

Nilson Ribeiro dos Santos Filho, presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura do Distrito Federal e Entorno. “As associações dos assentamentos passaram semanas incentivando pessoas a irem às aulas, criaram expectativas e agora vão suspendê-las?”

Nos assentamentos do DF e do Entorno, 1,2 mil pessoas já estão em aula desde fevereiro. Até o final do mês, mais 300 devem começar o programa. Este ano, o Sindicato imaginava inscrever mais 1,5 mil assentados para serem alfabetizados. “Ainda temos muitos assentamentos sem o Pronera”, explica Nilson.

No assentamento Santa Cruz, em Formosa (GO), as aulas já começaram, à noite, todos os dias, e cerca de 40 agricultores estão frequentando. “Eles estão entusiasmados”, conta Domingos Dessordi, 41 anos, coordenador do assentamento. Formado em técnico agrícola, ele sabe que é uma exceção. Pelo Censo da Reforma Agrária de 1996, a média

de analfabetismo nos assentamentos é de 43%.

Menos cultura, mais dificuldade para preparar os projetos que garantem financiamentos agrícolas, uma safra maior, mais e melhores meios de vender a produção. Um estudo feito pelo ministério em conjunto com o Fundo das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) mostrava que uma das razões que ajuda um assentamento a funcionar é a organização e o engajamento, que formam uma estrutura forte para desenvolver seus interesses. Com pouca educação é muito mais difícil conseguir esse tipo de organização.

Hoje, o Pronera trabalha com 67 mil alunos em 1.421 assentamentos em todo o país. Desses, 56 mil estão na alfabetização. Os demais vão desde os cursos supletivos de 1º grau até cursos técnicos de cooperativa para aqueles — poucos — que tem 2º grau completo. É muita gente, mas ainda pouco para o tamanho do problema. Dados do Incra contabilizam 382 mil analfabetos de 15 anos ou mais entre os assentados. Todorov acredita que esse número esteja abaixo da realidade. Mesmo assim, com o ritmo atual, seriam necessários sete anos para ensinar todos os que precisam nos assentamentos.

